



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A NÃO COINCIDÊNCIA INTERLOCUTIVA COMO MARCADOR INTERACIONAL EM SITUAÇÕES DE ESCRITA COLABORATIVA¹

Beatriz Nogueira da Costa Rego²

Cristina Felipeto³

Resumo

Este estudo teve como objetivo identificar, descrever e analisar as ocorrências de não-coincidências do discurso, segundo a teoria enunciativa desenvolvida por Authier-Revuz (1995) no âmbito das não-coincidências interlocutivas. Através deste aporte teórico, observamos as ocorrências de modalizações autonímicas presentes na fala de alunos no momento em que estão, em díades, construindo um texto narrativo, cujo processo foi filmado e posteriormente transcrito, gerando quatro momentos de interação, que foram analisados e tabulados. Os dados que compõem o corpus de análise foram coletados no ano de 1991, são provenientes de uma escola particular do estado de S. Paulo e as alunas frequentavam, à época, o primeiro ano do ensino fundamental. A análise comprovou a hipótese inicial do trabalho, qual seja, a de que a escrita colaborativa permite uma produção maior de não-coincidência do tipo interlocutiva.

Palavras-chave: Modalização Autonímica. Não-coincidência interlocutiva. Interação.

Résumé

Cette étude a comme objectif d'identifier, décrire et analyser les occurrences de non-coïncidences interlocutives du discours, suivant la théorie énonciative développée par Authier-Revuz (1995). Au moyen de cette base théorique, nous observons les occurrences de modalisations autonymiques présentes dans le discours d'élèves au moment où ils construisent, en diades, un texte narratif. L'activité a été filmée et transcrite par la suite, constituant quatre moments d'interaction qui ont été analysés et organisés en tableaux. Les données qui composent le corpus d'analyse ont été recueillies en 1991, dans une école privée de l'État de São Paulo avec des élèves de la première année de l'école fondamentale. L'analyse nous a permis de valider notre hypothèse initiale suivant laquelle l'écriture collaborative permet une plus grande production de non-coïncidences de type interlocutif.

Mots-clés: Modalisation Autonymique. Non-coïncidence Interlocutive. Interacion.

1. Introduzindo a questão

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as Modalizações Autônomicas, propostas por Authier-Revuz (1995), e justificar a maior incidência da não-coincidência interlocutiva, durante o processo de escrita colaborativa de uma dupla de alunas recém alfabetizadas do 1º ano do Ensino Fundamental da rede particular de ensino de São Paulo (SP).

O *corpus* analisado pertence ao banco de dados "Práticas de Textualização na Escola" (CALIL, 1996)[4] e é constituído de filmagem e posterior transcrição, o que nos permite o acesso aos fenômenos que emergem durante o processo de criação da história. Vale esclarecer que o fato de termos acesso às filmagens e transcrições não significa que temos acesso ao processo mental dos autores quando estão discutindo sobre o que escrever, uma vez que essas questões são de ordem psíquica e inacessíveis.

Foram analisadas quatro histórias, que compreendem o período de cinco meses. As alunas foram orientadas a combinarem em voz alta uma história e, após combinarem, elas começaram a escrever, de modo que a cada história uma dita e outra escreve.

Iniciamos a pesquisa visando analisar quantitativamente e qualitativamente as modalizações autônomicas produzidas nas falas das alunas, enquanto escreviam a narrativa juntas. Durante o processo de análise, observamos que o número de não-coincidências do tipo interlocutiva era bem superior e buscamos desenvolver uma justificativa acerca deste fenômeno.

2. Sobre a metodologia

Os manuscritos analisados nessa pesquisa foram produzidos no ano de 1991, em turma do 1º ano de uma escola particular da cidade de São Paulo-SP. A coleta foi realizada da seguinte maneira: a professora formou duplas e pediu para que as crianças, em duplas, elaborassem um texto narrativo. O pesquisador, por sua vez, filmou todo o processo de criação de uma dupla específica (N e I, com seis anos e cinco meses e sete anos e um mês de idade, respectivamente) e transcreveu suas falas.

No total, foram produzidas quatro histórias, a saber, "A menina dos olhos azuis", "A rainha comilona", "Um fim de semana atrapalhado" e "Os três todinhos e a dona sabor", de todas elas resultaram transcrições, que vêm a ser nosso *corpus* de análise para essa pesquisa.

Utilizando-nos das definições de não-coincidências do dizer, apresentadas por Authier-Revuz, analisamos as falas transcritas das duas alunas buscando perceber qualitativa e quantitativamente a ocorrência dos quatro tipos de não-coincidências, (interlocutivas, entre palavras e coisas, das palavras consigo mesmas, do discurso consigo mesmo).

3. A Modalização Autônômica

Esta pesquisa filia-se aos estudos da Linguística da Enunciação, conforme desenvolve Jacqueline Authier-Revuz (1995) através de suas investigações sobre as não-coincidências do dizer. Seu trabalho se funda em três campos teóricos, a saber, o dialogismo bakhtiniano, a teoria do discurso (Pêcheux) e o inconsciente, a partir de Lacan. Contudo, a importância do trabalho de Authier-Revuz está no modo como articula esses campos com a perspectiva teórica que seu trabalho desenvolve, a saber, os estudos sobre as "heterogeneidades enunciativas" do dizer.

Na chamada "terceira época da análise do discurso", a noção de sujeito clivado é caracterizado pela dispersão e pela incompletude. Esta incompletude do sujeito irrompe em sua fala e marca-se pelo desejo desse sujeito de preencher-se e recompor o não-Um que lhe é constitutivo.

Através do conceito bakhtiniano de dialogismo, das reflexões de Pêcheux em Análise do Discurso e da noção lacaniana (a partir de Freud) de sujeito do inconsciente, Jacqueline Authier-Revuz (1991, p.

143-145) retoma a idéia de uma irrupção de formas que mostram a língua como espaço de equívoco, no discurso, onde um UM e um Não-UM se entropõem, negociam e se desdobram. A heterogeneidade enunciativa pode ser, portanto, caracterizada como uma forma de negociação (imaginária) do sujeito com o seu dizer.

Para esta autora, a polifonia presente nos discursos se efetiva em dois planos distintos e entrelaçados: o da heterogeneidade mostrada e o da heterogeneidade constitutiva.

Segundo Authier-Revuz, a heterogeneidade constitutiva é aquilo que escapa, ao sujeito, da linguagem. A heterogeneidade mostrada, então, é a forma como o sujeito mostra, representa isto que lhe escapa. Dito ainda de outro modo, a heterogeneidade constitutiva marca-se, na fala do sujeito, pelas não-coincidências que afetam o seu dizer: homonímia, ambiguidade, mal entendido. Tudo o que está do lado do não-um da comunicação.

Entretanto, esta não-coincidência - que afeta a posição de domínio e de intencionalidade "estratégica" do sujeito - deve ser elidida para que o sujeito se constitua como sujeito de linguagem. Esta elisão se dá através da função de desconhecimento pelo sujeito de que sua representação do dizer seja da ordem do Imaginário[5].

A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada são de ordens diferentes. Como diz Pêcheux, "a 'heterogeneidade constitutiva' da língua não se confunde com a manipulação ostentatória da 'heterogeneidade mostrada'" (1982, p. 19), pois elas são distintas, mas não disjuntas.

3.1 Não-coincidência do dizer e formas de representação

Na heterogeneidade mostrada, o sujeito representa e delimita, em seu dizer, os fenômenos de não-coincidência, os quais podem aparecer de 4 formas diferentes[6]:

(A) Não-coincidência das palavras consigo mesmas, pois que tocadas pelo equívoco. Nos enunciados analisados por Authier-Revuz, os sujeitos eliminam ou acolhem de diversas maneiras esses outros sentidos ou outras palavras com os quais deram de encontro em seu dizer, como por exemplo: "É igualmente admitir a possibilidade de inadequação, de 'jogos' (no duplo sentido do termo) entre emissão e recepção"[3]; "um paciente, antigo anoréxico e bastante inibido intelectualmente, reclamava de sua 'dificuldade em digerir', eu quero dizer, 'redigir'"[7].

(B) Não-coincidência do discurso consigo mesmo, em que palavras de outro(s) discurso(s) "se apresentam", "invadem" o discurso do sujeito. Aqui, o enunciador encontra em suas palavras, palavras vindas de outro lugar, interferindo ou integrando-se ao sentido que aí se faz. Ex: "X, no sentido freudiano"; "X, como diria L".

(C) Não-coincidência interlocutiva em que, sendo o sujeito não coincidente consigo mesmo, a relação interlocutiva passa a ser entre dois sujeitos "não-simetrizáveis[8]": trata-se de sentidos ou "modos de dizer" não partilhados, distanciamento entre um dizer que "é meu" de um dizer que "não é meu" ou, sempre que conveniente, aceito, partilhado. Ex: "X, como você costuma dizer..."; "X, para falar como você".

(D) Não-coincidência entre as palavras e as coisas, quando se trata de indicar que as palavras empregadas não correspondem exatamente à realidade que deveriam designar e desembocam na impossibilidade de um objeto ser "preenchido" completamente pelo jogo da nomeação. Figuram aqui como exemplos: "X, ou antes, Y", "Como posso nomear X", etc.

4. As Manifestações das Modalizações Autonímicas na escrita colaborativa

Em nossa análise sobre as modalizações autonímicas presentes nas falas das alunas no momento de criação, pudemos encontrar distintas formas de modalização, sendo parte do resultado dessa forma de interação entre os sujeitos.

Os exemplos abaixo são exemplos de não-coincidência do dizer encontrados e analisados através das transcrições. Percebe-se entre eles uma maior incidência da não-coincidência interlocutiva.

Ex. 1: retirado de "A rainha comilona".

N: "- Comia em ordem alfabética daí a rainha falava..."

I: "- ... ordem alfabética." (ESCREVENDO.) ... a gente não combinou assim... (PEQUENA PAUSA) ... alfabética... a gente não combinou assim viu N... a gente não combinou... a gente não combinou..."

N: "-... É... cê também não combinou que a gente ia fazer em ordem alfabética... e eu falei que tá..."

Ex.2: retirado de "Um fim de semana atrapalhado"

N: "- Mas era da cozinha não é.."

I: "- (RINDO.) Você não entendeu... eles chegaram na praia... alugaram uma casa e lá abriu a porta... tinha um ferro caiu u ferro na cabeça do filho... eles foram... sabe porque prá por... (NARA LENDO O TEXTO.) prá por a roupa dele no armário né Nara... "

N: "- aiii mas... a empregada pegô o ferro... e como vão sabe que já tinha chegado na praia"

I: "- Não Nara. A empregada pos o ferro na porta por causa... prá guarda o ferro... entendeu"

Ex. 3: retirado de "A menina dos olhos azuis."

I: "- Não vamô fazê assim..."

N: "-chichichi... chácháchá..."

I: "-... não vamô fazê assim... a gente reparte uma parte e depois vai outra... então a gente vai fazer assim... a gente risca... vai fazê uma valinha... vai fazendio um risquinho assim... (MOSTRANDO NA CARTEIRA COMO SERIA O RISQUINHO.) prá gente sabe... uma parte a gente muda de história."

Ex. 4: retirado de "Os três todinhos e a dona sabor"

N: "- Depois eu falô como você vai escrevê. Erro... erro o "erre"."

I: (RECLAMANDO.) "- ...não erro, N...não erro o "erre". N., eu que tô escrevendo, não é você. Como errei ó, tá direitinho o "erre". Você que faz de outro jeito. O "i" eu errei O "e" eu errei o "erre" eu errei" (NARA MEXENDO A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE.)

N: "- ...erro." (RINDO.)

I: "- ...o "esse"... então....

N: "- ...erro..."

I: "- ...o "erre"... o "erre" eu não errei porque você que faz de outro jeito."

Ex. 5: retirado de "A rainha comilona"

I: "- "A" "aa", "a" de...como é que chama... al...face. A gente já falou... a a tem um monte de comida com "a" a gente que não conhece mas... tá bom..."

Após a análise das transcrições, e identificação das modalizações, montamos uma tabela para oferecer uma visão qualitativa da ocorrência do fenômeno nas falas das alunas, a ver:

	Não-coincidência interlocutiva	Não-coincidência entre palavras e coisas	Não-coincidência do discurso consigo mesmo	Não-coincidência das palavras consigo mesmas
A menina dos olhos azuis.	8	1	0	0
Um fim de semana atrapalhado.	5	1	0	0
A rainha comilona.	8	1	0	0
Os três todinhos e a dona sabor.	7	2	0	1

Tabela 1: não-coincidências nas histórias inventadas.

Após a visualização dos dados acima, é notável a ampla recorrência da não-coincidência interlocutiva, em detrimento das outras. Para justificar o fenômeno, é preciso reconhecer a situação de criação, ou seja, a escrita colaborativa.

Foi pedido às alunas que criassem uma narrativa juntas, em colaboração. Tendo em vista que o diálogo é indispensável para realizar tal tarefa, as alunas estavam sempre retomando a fala da outra, seja com intenção de concordar, discordar, reafirmar, marcar distâncias do modo de dizer, ou apelar afim de uma aproximação.

A interação necessária para desenvolver um texto, em colaboração, se apresenta como item inerente à não-coincidência interlocutiva, sendo assim, inevitável que ela ocorra inúmeras vezes durante as falas dos interlocutores.

Conclusão.

Os dados explicitados anteriormente comprovam a hipótese lançada inicialmente: de que a escrita colaborativa permite maior ocorrência da não-coincidência do tipo interculocutiva. Desse modo, a situação de escrita colaborativa parece produzir um ambiente profícuo para esse tipo de não-coincidência, uma vez que as discordâncias, inerentes à situação, exigem uma tomada de posição do interlocutor e os sujeitos partem em busca da restauração da concordância.

[1] Trabalho produzido com apoio do CNPq – processo n. 401277/2011-9 referente ao projeto “Escritura inventiva e colaborativa de contos etiológicos em sala de aula: reflexões em torno do acaso, da interação e das relações associativas (ECOS)”.

[2] Beatriz Nogueira cursa o terceiro período de letras, na Universidade Federal de Alagoas. Email para contato: beatriznogueiracosta@gmail.com.

[3] Doutora em Linguística, professora do Curso de Letras (FALE/UFAL) e do PPGE (Programa de pós-graduação em educação – CEDU/UFAL). Email para contato: crisfelipeto@hotmail.com.

[4] O banco de dados, ao qual o *corpus* pertence, é datado de 1996, porém os dados analisados são um pouco mais antigos foram coletados em 1992.

[5] Esta noção de “imaginário”, bastante produtiva na Análise do Discurso e muito presente nos trabalhos de Eni Orlandi (1999, 2001, 2002, dentre outros) faz parte da trilogia Real-Simbólico-Imaginário que constituem o Nó Borromeano, proposto por Lacan para compreensão da estrutura psíquica do sujeito.

[2] Utilizaremos a notação proposta pela autora, qual seja, “X” para a palavra autonímica, “Y” para a que a substituiu.

[6] Authier-Revuz, (1995, p. 768, ênfase em itálico nossa).

[7] Idem, *ibid.* (749). Chamamos a atenção para o processo anagramático entre “redigir” e “digerir”;

[8] Idem (1998, p. 22).

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non coïncidences du dire* Paris: Larousse (coll. SciencesduLangage), 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19 (25-42). Campinas: IEL/Unicamp, 1991.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. S. Paulo: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Sur la (de)construction des theorieslinguistique”. In: *DRLAV 27*. Paris, 1982.